

20 pg

## MARIA PEREGRINA

*Luís Alberto de Abreu*

A área de representação é demarcada por um tapete de retalhos, de aproximadamente 4m x 3m, decorado com motivos populares. Ao fundo da área de representação uma grande árvore. Atrás, fora da área de representação, está a área dos atores e músicos. Ali, à vista do público, os atores trocam de roupa, tocam as músicas, compõem personagens e armam a cenografia. A sugestão é que toda a cenografia seja constituída de varapaus de tamanhos variados que ajudem a compor com tecidos a cenografia. Tudo feito com poucos elementos que desde o princípio estejam à vista do público que deverá ver também sua manipulação. Ouve-se som de romaria ao longe. Entra o mestre, invade a área de representação, cumprimenta o público.

**MESTRE** - Boa noite. Não faz muito tempo e o mundo era outro. As casas eram poucas, espaçadas, e a terra, sem o asfalto e sem tantos prédios sobre ela, cheirava forte quando chovia. Lembram? À tarde, quase noite, o sino espalhava um som meio triste pelas largas distâncias do vale. Dom! Dom! Dem, Dom! Dem, Dom! Então, as pessoas faziam o sinal da cruz e recolhiam o cansaço do dia. Conversas nas janelas, café no fogão à lenha, histórias contadas antes do sono. Não faz muito tempo e o mundo era outro. As coisas todas eram outras. O tempo desfez. O tempo desfaz toda solidez. E o tempo faz. Como fez as coisas de hoje, tão diferentes. Mas o que o tempo desfez, a memória refaz. Refaz melodias, ( A UM SINAL SEU O SOM DA ROMARIA TORNA-SE GRADATIVAMENTE MAIS FORTE.) reconstrói as poucas casas, retraça no papel branco da imaginação aquele tempo em que o mundo era outro. Um mundo de lembranças e pessoas que o tempo desfez. Mas a memória refaz.

### PRIMEIRA HISTÓRIA – TEREZA E AVENTINO

(COM UM GESTO ENÉRGICO, O MESTRE FAZ INTRODUIR A ROMARIA. AFASTA-SE DA ÁREA DA REPRESENTAÇÃO EM DIREÇÃO À ÁREA DOS MÚSICOS ENQUANTO OS ROMEIROS ENTRAM. CANTANDO, TOCANDO E DANÇANDO CUMPREM UMA COREOGRAFIA ALEGRE EM VOLTA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. DO MEIO DELES DESTACA-SE A MULHER DESMEMORIADA, INVADE A ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. PARECE INDECISA. FINALMENTE SENTA-SE, SOBRE AS PERNAS, DEBAIXO DA ÁRVORE. OS ROMEIROS CONTINUAM A CANTORIA ATÉ CHEGAR AO LOCAL DOS MÚSICOS. O MESTRE, COM GESTOS LARGOS E NÍTIDOS, INDICA A CADA UM O SEU LUGAR. O ÚLTIMO DOS ROMEIROS, THEÓRFO, RECEBE DO MESTRE UM CAJADO E ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. SORRI PARA O PÚBLICO.

**THEÓRFO** - 'noite! (PAUSA) Ó, pra ocês não ficar no escuro do desconhecimento – eu sei que ninguém perguntou mas - vou logo dizendo que sou Theórfó, filho de Veradiana e de Bartolameu. Ou Leontino, não sei direito. Ocês não conhecem nenhum dos dois, conhecem? Não? Então, ocês tem a sorte que eu não tive! Vai daí que sou um sujeito à toa, filho de gente à toa, neto de gente à toa, de um lugar tão à toa que o que tinha de melhor era o rumo da saída! Num foi que um dia “arresorvêro” m’iscoiê como representante do lugar? Era pra dar boas vindas ao bispo que devia de tá sem muito o que fazer pra esbarrar naquelas bandas. Fiquei fulo, chamei

nome, casquei fora, vim`bora chutando pedra, montado em altas raivas! Eu, lá, vou querer ficar num lugar que de tão fulero iscóie um sujeito à toa como eu pra representante? Saí. Ruim lá, pior aqui. Tô alugando o almoço prá cheirar a janta, comprando doze pra vender uma dúzia, vendendo o pano de bunda pra comprar o pano da frente! E foi numa de minhas andanças, subindo pra depois descer, quebrando à direita pra` mor`de poder virar à esquerda, indo errado em reta pra acertar caminho em estrada torta, no rumo de Aparecida prá fazer promessa, foi que vi aquela mulher. Era tarde fria de junho. O sol enorme no horizonte pintava a gente e todas as coisas de um amarelo bonito. Foi numa tarde assim.

**MULHER** - Foi. A mulher tinha um oco na cabeça, vazia de qualquer lembrança. Era como se tivesse chegado no mundo naquele momento, sem nenhum passado.

**ROMEIRO** - Não lembra nadinha de nada?

**MULHER** - Nada. Tanto posso ser professora quanto prostituta.

**ROMEIRO** - Não tem jeito da senhora saber mesmo, não é? Digo isso porque de professora não tô necessitado porque já sei ler e escrever mas ... (DÁ UM FORTE TAPA NA PRÓPRIA CABEÇA) Larga de pensar coisa, cabeça!

**MULHER** - Disseram para rezar pra Maria Peregrina. Foi aqui que ela viveu?

**ROMEIRO** - Dizem que sim. Viveu anos debaixo dessa árvore, ao relento, no frio, sozinha, sem família...

**MULHER** - Purgando algum grande pecado, quem sabe?

**ROMEIRO** - Quem sabe. Pode ser como pode não ser ao contrário do que se imagina porque o errado do certo só sabe quem conhece os certos do errado ao invés do que muita gente pensa. Se a senhora entendeu, me explica! (DE REPENTE MULHER COBRE O ROSTO E CHORA) Não fica assim! Foi alguma coisa que eu falei? Eu só falo besteira mas não é de propósito. É que eu sou besta mesmo! (MULHER RI NO MEIO DO CHORO) Isso! Rir é bom.

**MULHER** - Não lembro nada. É horrível. Me ajuda!

**ROMEIRO** - Ajudo, ajudo! Quem a senhora pode ter sido? Vamos tirar da lista mecânico, centroavante e soldado de quartel. (MULHER RI) Lembra a cidade? Algum parente? Mãe?

(ATORES INICIAM MÚSICA DE FOLIA DE REIS. O MESTRE JÁ VESTIDO COMO AVENTINO SE DESTACA E AVANÇA PARA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. A MÚSICA PARECE REAVIVAR A MEMÓRIA DA MULHER. ROMEIRO AJUDADO POR ATORES SE CARACTERIZA COMO ANTONIO)

**MULHER** - Uma festa... há muito tempo. Uma rua de terra, vermelha... Os dias eram de muito sol.

**AVENTINO** - O lugarejo de uma rua e poucas casas ficou pasmado ao ver aquele homem de fora avançar pela rua de terra vermelha. Mal reconheceram. Sou eu, gente! Aventino! Lembram não?

**ANTONIO** - Mas é mesmo? É Aventino, gente? Depois de vinte anos? Selmo! Siá Cota! Aventino voltou! (IDENTIFICA-SE PARA O PÚBLICO) Sou Antonio e era companheiro de fé e fiança, de Aventino.

**AVENTINO** - Oh, meu Deus, que subiu um aperto no peito, chegou aos olhos e quis desaguar em choro. (COM VISÍVEL ESFORÇO AVENTINO SEGURA A EMOÇÃO) Estavam ali, me olhando como alma vindo da morte... Companheirada boa! Mais velhos, mais prumados na vida, mas os mesmos... gente de comer junto o amargo e o doce dos dias!

**ANTONIO** - Deu alegria de soltar rojão, de dançar catira, de gritar e correr feito moleque sem compostura! Mas, invés de desatinar em alegria boa, a gente silenciou com o coração gelado. A gente teve medo, muito medo. Mas disso eu falo depois. ( ATORES DÃO UM CHALE A UMA ATRIZ. A ATRIZ, COMO UMA VELHA, ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO)

**AVENTINO** - Assim cheguei depois de vinte anos. Minha terra me recebeu como colo de mãe recebe um menino. Então, subi o caminho na direção da velha casa de minha mãe.

**VELHA** - Não acreditei até vê-lo. Continuei não acreditando até gritar “Minha Nossa Senhora!”, até correr e abraçá-lo. Continuo não acreditando até hoje. Ficou tão pouco tempo e se foi. (AVENTINO E A VELHA SE ABRAÇAM. SUFOCADA PELA EMOÇÃO) Ai, meu coração não se quebre! Ai, meu coração não estoure! Ai, meu Deus, que eu não morra agora!

(A ATRIZ QUE INTERPRETA A DESMEMORIADA AJUDADA PELOS DOIS ATORES QUE RESTAM FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO RECEBE ELEMENTOS QUE A IDENTIFICAM COMO TEREZA)

**ANTONIO** - Pescamos, bebemos, rimos com Aventino como se não tivessem passado vinte anos. Mas, no fundo, estávamos todos com medo. Era uma cisma, sabe, pressentimento.

**VELHA** - E ela?

**AVENTINO** - Ela quem?

**VELHA** - Você sabe. A bruaca! Por causa dela envelheci só esses últimos vinte anos! Nunca gostei dela, nunca vou perdoar aquela filha de puta!

**AVENTINO** - Não fala assim!

**VELHA** - Não defenda aquela capivara na minha frente!

**AVENTINO** - Mãe! Já passou, já sarou, da ferida não resta nem cicatriz nem marca.

**VELHA** - Jura que não voltou por causa dela!

**AVENTINO** - Voltei pra ver os velhos companheiros, pra ver a senhora, pra ver a paineira velha na beira da estrada. Saudade grande mandou que viesse, vim.

**VELHA** - E ela?

**AVENTINO** - A imagem de Tereza se desfez no ar, a paixão secou pela raiz e é pó que o vento varreu, mãe. Sossegue o coração!

**VELHA** - Graças a Deus! O olhar dele estava limpo, sereno, sem mancha nem peso, por isso acreditei. Mas, ou porque meu coração bateu descompassado ou porque sei que o demônio mora no aço das armas, guardei punhal e uma velha garrucha que foi do finado pai de Aventino.

(MÚSICOS VOLTAM A TOCAR E CANTAR MÚSICA DE FOLIA DE REIS)

**AVENTINO** - Passaram dias, fez frio, seu Lico morreu de velhice, fez sol e então chegou o Sábado, véspera de Dia de Reis. Saí ao sol da manhã para encher os olhos com as paisagens da minha infância. Proseei com um, ri com outro, ouvi e contei casos, bebi na venda. Pela hora do almoço garrei rumo de casa.

**TEREZA** - Mas o Destino chamou Tereza pra rua no justo momento de cruzar com Aventino. Eu, Tereza, era uma cabocla sestrosa, sacudida e bonita. Vinte anos só fizeram encher de vida e segurança minhas formas de menina. Cruzamos olhar. Eu parei, ele parou.

**AVENTINO** - A alegria na venda parou, a respiração parou nas janelas e portas das casas, o movimento parou na rua e, em suspenso, as pessoas esperaram o resultado daquele encontro adiado por vinte anos.

**ANTONIO** - Vinte anos atrás aconteceu o amor mais violento e sem regra que presenciei na vida. Paixão pra acabar em desgraça. Mas sem ninguém esperar Tereza abandonou Aventino pra ficar com João Dé. Ninguém entendeu. Então vi no olhar de Aventino o desejo de matar Tereza.

**VELHA** - Vinte anos atrás gritei e segui chorando quando meu filho saiu de casa, faca na cintura, pra desgraçar aquela que nem digo o nome.

**ANTONIO** - “Não faz isso Aventino!”, “Alguém corre avisar a Tereza!” “Esfria, homem! Não vale a pena!”

**VELHA** - Ah, meu Deus, não permita!”

**ANTONIO** - Foram os pedidos feitos enquanto Aventino seguia pela noite no rumo de Tereza.

**TEREZA** - Vinte anos atrás ele veio e eu me vi morta esfaqueada por sua fúria. Ele tinha um olhar cego que eu nunca mais quis lembrar. Fechei os olhos. Quando abri ele não estava mais.

**ANTONIO** - Foi pra longe sem uma palavra de despedida. Ninguém entendeu. Só voltou vinte anos depois para esse encontro que todos temiam. (LONGA PAUSA)

**VELHA** - De quando em quando me escrevia ou algum conhecido trazia notícias de suas saudades.

**AVENTINO** - Como vai, Tereza?

**TEREZA** - Bem. Soube que tinha voltado.

**AVENTINO** - Voltei. Dê lembranças a João Dé, seu marido.

**TEREZA** - Serão dadas.

**ANTONIO** - (LONGA PAUSA) Não aconteceu o esperado. Nem raiva renovada, nem fúria repentina. Ninguém entendeu.

**AVENTINO** - O céu claro daquele dia acabou em noite estrelada. Saí pra ver a Folia de Reis. (ATORES COMEÇAM A CANTAR E TOCAR FOLIA MUITO BAIXO) Estava feliz. Era bom estar no meu lugar, no meio de gente minha, sem carregar peso nem sombra na alma. Abracei minha mãe e fui.

**VELHA** - Não devia tê-lo deixado ir. Desde o começo eu sabia o que ia acontecer coisa ruim. Não devia ter sido mãe, devia ter sido pedra e mandado ele ir embora na hora que chegou, depois de vinte anos. Mas eu queria tanto meu filho comigo! (ENXUGA OS OLHOS) E depois, a alegria dele e a minha felicidade me enganaram completamente.

(ATORES DANÇAM E CANTAM A FOLIA DE REIS, A PLENOS PULMÕES, FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CANTO E DANÇA CESSAM)

**AVENTINO** - Eita!, que eu queria que o mundo se acabasse no meio de uma alegria assim! Eita!, que eu devia ter voltado era mais antes!

**ANTONIO** - Eita!, que a gente riu e farreou como nada, como nunca! Alegrava a gente ver a alegria de Aventino! Então, um menino trouxe um recado. Me veio um estremecimento e eu soube. Mas não acreditei, não quis.

**VELHA** - Era um menino que ninguém conhecia no lugar. Dizem que era filho de uns ciganos que passaram por lá. Nada! Era o próprio demônio que veio em pessoa a mando da bruaca.

**ANTONIO** - Logo adivinhei, todos adivinharam, que o recado era dela. E tive, tivemos todos, medo do que ia acontecer.

**AVENTINO** - Ninguém bebe do meu copo que volto logo. Meu lugar nem vai esfriar.

**ANTONIO** - Foi. A música parou, a dança parou enquanto ele saía. De uma forma ou de outra todos já sabiam o que depois se deu. Siá Rita chorou e as mulheres se recolheram à tristeza das casas. Os homens principiaram contar casos e a rir sem vontade enquanto esperavam o desfecho duro.

**AVENTINO** - ( SAI DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO E A CIRCUNDA) Povo bobo! Sei o que faço. Só voltei quando tive certeza que os anos gastaram todo o passado! Tem mais risco, não. Por isso atendi ao chamado.

**TEREZA** - Chamei. Queria enterrar o passado, clarear pra Aventino o que fiz, porque fiz. Queria continuar em paz com meu marido, João Dé. Como estive em paz por vinte anos.

**AVENTINO** - Dona Tereza! Dê licença de entrar?

**TEREZA** - Não, seu Aventino. Não fica bem receber você dentro de minha casa sem meu marido. Vou aí pra fora. Sai pro terreiro. (TEREZA ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO) 'Noite.

**AVENTINO** - 'Noite. (OS DOIS SE OLHAM CALADOS. DEPOIS SE APROXIMAM)

**TEREZA** - Não quis, não entendi o que fiz. (BEIJAM-SE COM PAIXÃO POR UM LONGO TEMPO)

**AVENTINO** - Então eu soube que estava desgraçado! Por que fez isso, miserável?

**TEREZA** - Eu soube que ia morrer. Ali, na hora, eu soube que os vinte anos não se passaram. Não tive tempo de dizer isso a ele.

**AVENTINO** - E antes que minha mão, sem meu consentimento, procurasse o aço da faca não tive tempo de dizer que não queria fugir por mais vinte anos pra domar o inferno que ela tinha acabado de reabrir.

**TEREZA** - Entre o primeiro e o segundo corte não tive tempo de dizer que há vinte anos atrás eu, moça, tive medo da paixão desmedida. Por isso fiquei com João Dé.

**AVENTINO** - Eu disse "não!" ao meu braço mas ele tinha golpeado já por duas vezes e sem me ouvir golpeou uma terceira vez o peito de Tereza.

**TEREZA** - Quis dizer a Aventino que já não queria paz mas me faltou o ar. E me faltou fôlego pra beijá-lo de novo. E quis rir da ironia de morrer por beijá-lo e só ao beijá-lo me perceber viva. E quis amaldiçoar os vinte anos mortos que vivi. (TEREZA DESFALECE NOS BRACOS DE AVENTINO)

**AVENTINO** - Porque me beijou hoje, Tereza? E porque há vinte anos me deixou?

**ANTONIO** - Era o que Aventino perguntava quando o encontramos vagando na noite. Nunca entendeu Tereza. Nunca entendemos Tereza. Assim se conta essa história. Dizem que ele era homem vingativo por isso voltou.

**VELHA** - Dizem que ela era o demônio, por isso seduziu e desgraçou Aventino.

**ANTONIO** - Dizem que o homem procura sempre uma razão para o que faz. Às vezes não acha.

(MESTRE LIVRA-SE DOS ELEMENTOS QUE O IDENTIFICAVAM COMO AVENTINO E A UM GESTO SEU REINICIA-SE O CANTO DA FOLIA DE REIS. O CANTO E A DANÇA DESMONTAM A CENA. AOS POUCOS, SOB ORDENS DO MESTRE OS ATORES SAEM DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. FICAM ALI APENAS MULHER DESMEMORIADA E THEÓRFO.

## SEGUNDA HISTÓRIA – TIODOR

**THEÓRFO** - E então? Lembrou alguma coisa?

**MULHER** - Nada.

**THEÓRFO** - Não lembra de ninguém, do lugar?

**MULHER** - Não lembro, não lembro. Posso ser qualquer uma: uma mulher que viveu na cidade, a mãe de Aventino, Tereza...

**THEÓRFO** - Tereza não pode, não! A Tereza morreu!

**MULHER** - Eu também, às vezes, me sinto morta.

**THEÓRFO** - (MEIO ASSUSTADO) Olha, dona, a senhora não brinca com isso! Já tá escurecendo e eu não gosto dessas conversas. Eu deixo a senhora aí, heim?

**MULHER** - Desculpe. É que não ter lembrança é estar um pouco morto. Não lembrar das coisas e das pessoas dá uma solidão, uma frieza, parecida com a morte.

**THEÓRFO** - (ASSUSTADO) Ih! (COMEÇA A SE AFASTAR) Eu bem que quis deixar aquela mulher esquisita ali mas eu estava indo a Aparecida pedir uma graça. Vai daí que, na hora, dá de Nossa Senhora perguntar: por que devo ajudar Theórfio se ele não ajudou quem precisava? Aí, tô lascado! (VOLTA) Ó, dona, eu fico e ajudo mas vamo mudar o rumo dessa prosa! Que mais a senhora se lembra além de Folia de Reis?

**MULHER** - Uma cruz na beira de rio.

**THEÓRFO** - (FAZ O SINAL DA CRUZ) Ah, meu Deus!

**MULHER** - Gozado! Andei o dia todo por essa cidade e não vi uma cruz em beira de estrada.

**THEÓRFO** - (EXASPERADO PELO MEDO) Isso é coisa de antigamente ou desses lugarejos perdidos nessas brenhas do oco do mundo. A cidade é desenvolvida, dona! Em beira de estrada, agora, tem muro, prédio, posto de gasolina, MacDonald's, dona! Tudo é organizado! Lugar de cruz é no cemitério. Já são quase seis horas. Vamo mudar de assunto!

**MULHER** - As horas abertas! Seis da manhã, meio-dia, seis da tarde, meia-noite. Lembrei que antigamente o povo acreditava que nessas horas os espíritos andam entre os vivos.

**THEÓRFO** - Não andam mais dona. Hoje em dia, seis horas é horário de novela, de congestionamento! E está muito bom assim! Ói, que eu deixo a senhora aí nem que seja preciso desistir de ir a Aparecida!

**MULHER** - Alguém chamado Tiodor.

**THEÓRFO** - (SÔFREGO) Lembrou? Tiodor? Esse um eu conheci! Morava numa cidadezinha aqui perto. Cidade pacata, antiga, do tempo das Folias de Reis. Com a vantagem que não tem morte, nem cruz em beira de rio. Tiodor era um caboclin' miúdo, lembra? (MULHER MENEIA A CABEÇA EM NEGATIVA) Mas vai lembrar! Vai escutando que a senhora lembra.

(A UM SINAL DO MESTRE TOCA-SE UMA MODA DE VIOLA E MESTRE E ATORES FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO NARRAM ENQUANTO PREPARAM A CENA E OS PERSONAGENS PARA A PRÓXIMA HISTÓRIA)

**MESTRE** - Era uma cidade esquecida no tempo, provinciana, com um povinho parado, lerdo mesmo!

**ATOR 1** - Lá, notícia não entrava, nem saía. Uma pasmaceira de dar sono na hora que se acordava.

**ATOR 2** - Acontecimento lá era o sol nascer e se pôr, nascer e se pôr, nascer e se pôr. De vez em quando morria alguém e de vez em quando, em compensação, alguém nascia. Uma lerdade de fazer raiva em tartaruga, de pôr lesma fora de si!

**ATOR 3** - Foi em lugar assim que eu, Tiodor, conhecido como Tiodorzim, nasci atrasado, de nove meses e meio. Cresci devagar como era de praxe naquele lugar e tinha o raciocínio de pouca rapidez que era prá combinar com todas as outras coisas do lugar.

**ATOR 1** - Era um custo um pensamento de Tiodorzim enganchar com outro pensamento de modo a emparelhar n'alguma idéia que prestasse.

**MESTRE** - E não foi que no vai e vem das coisas, Tiodorzim veio se tornar o mais temido bandido da região, procurado cem léguas ao redor?

**TIODORZIM** - Eu mesmo conto como foi. Eu estava ali, já rapaz, num Domingo à tarde, sem o que fazer, mastigando um talinho de capim e vendo paineira crescer, – já viu paineira crescer? É uma lerdade! - quando me chegou o capeta do Jaíto mais o Quim.

(ENTRAM JAÍTO E QUIM)

**JAÍTO** - Tiodorzim! Falaram que a dona do Honório espichou o “zóio” pr'ocê.

**QUIM** - Também ouvi dizer. Gabou muito suas pestana grossa, disse que ocê devia de ser home inteirado, de competência nas partes, capaz de contentar uma mulher, “das vez” até duas!

**TIODORZINHO** - Ara! É? Mesmo, mesmo? Era mentirada, mas, primeiro, que eu era sonso, coisa que sou até hoje um pouco. Segundo que na falta do que fazer qualquer coisa é aventura. Terceiro que a dona do Honório era mulher taludona, de tanta boniteza e melúria que valia a pena acreditar mesmo sendo mentira.

**JAÍTO** - O que esmorecia um pouco Tiodorzinho é que o Honório era roceirão graúdo, troncudão, desenleado, forte feito pau de peroba.

**QUIM** - Mas eu mais Jaíto tanto “influímo”, tanto “atentamo” que

**TIODORZIM** - Fui! Cacei coragem e fui. “Assuntei”, “rodiei” e quando deu, “garrei” a “proseá” com a “tar”, conversinha sem tino nem tampo, falar de lua boa pra “prantá” “mio” e lascar beijo em mulher dos outro. Fui assim mesmo, cheio de decisão! E “vortei” mesmo assim, mais decidido ainda, com uma tunda que tomei do Honório que até hoje tenho marca.

**JAÍTO** - E eu lá sou homem de permitir que amigo meu apanhe desse jeito, Tiodorzim? Não me faça a vergonha de ter um amigo frouxo!

**QUIM** - Isso! Não traz desaforo! “Vorta” lá e escora o homem na ponta da faca. Quero ver se ele é macho.

**TIODORZIM** - Fui. O homem era. “Apanhou” eu, apanhou faca, apanhou até um vira-lata que eu tinha e que caiu na besteira de me seguir.

**JAÍTO** - (INSUFLANDO) Prá revólver não tem macho!

**TIODORZIM** - É, num tem!

**QUIM** - Monte nos brio, “home”! Todo cavalo um dia acha seu domador! Toda cobra um dia acha uma que lhe morda e lhe coma!

**JAÍTO** - “Ocê” num é piúca, “ocê” num tá chué! “Ocê” é “cabôco” turuna, sempre foi!

**TIODORZIM** - Fui nada, mas na hora fiquei influído! Sempre fui, sim, Jaíto! Vorto lá e faço esparramo! Apanhei de tudo que é jeito: de revólver, sem revólver, na frente, nas costas, de lado, por dentro, por fora! Era aquela prancha de mão quadrada do Honório que descia, voava, subia sem perder viagem. Esmoreci? Passarinho esmorece de brincar com cobra? Nem eu!

**JAÍTO** - Eita, homem teimoso! “Arrodiava” o sítio do Honório, apanhava, falava desaforo, apanhava de novo, dizia nome, apanhava outra vez até Honório cansar.

**TIODORZIM** - (CHORAMINGANDO) Pode “bate”, mas por último “ocê” vai virar corno na minha mão!

**QUIM** - Foi assim que Tiodorzim principiou a ficar malvisto e a ganhar fama de desrespeitador de “famía” e “encrenquero”! Um dia veio pra riba de “nóis”.

**TIODORZIM** - Essa treta principiou co'ocês dois, seus "desgranhento"! E é co'ocês que vai acabar! Vou fazê zarabanda! "Ocês" vão "dançá" fandango e é agora!

**JAÍTO** - Veio feito fera, destabocado, um só que parecia manada de cateto arrasando mata de taquaruçu! "Vortou" "descaderado" com tanto cascudo, piparote e trompaço que levou pra aprender.

**QUIM** - Mas aprendeu? Aprendeu nada! Virou motivo de riso na cidade e xingou, puxou briga, apanhou. Um dia, ninguém sabe como, Tiodorzim virou macho e abriu um "taio" na cabeça do seu Palmerim, vereador, que nem pó de café estancou a "sangüera". Só reza e promessa.

**TIODORZIM** - Num fui eu não, gente! Ele se embolou comigo, "caímo" e ele lascou a cabeça numa pedra do chão.

**JAÍTO** - Foi preso, guardado. Pegaram a ter medo dele. Chamaram juiz da capital pro julgamento. E chamaram promotor e "devogado", meirinho, guarda, que no lugar não tinha nenhum vivente que prestasse pr'essas coisas de lei.

**QUIM** - Cidade toda foi ver a bizzarria do julgamento. Eu mesmo fiquei aluado de ver aquelas roupas, traje mesmo, aqueles modo fidalgo e aquela ventura de falar "celência" prá cá, meretrício prá lá, toda hora.

**JAÍTO** - Promotor falou: porque o réu tem o coração empedernido, é homem renitente e recalitrante. Olhem a cara dele, humilde, simples, mas não se deixem enganar, senhores jurados. Ele é e sempre vai ser contumaz!

**QUIM** - Pra que o homem foi dizer uma coisa dessa, siô? Tiodorzim virou gato do mato em mundéu! Se arvorou em rebelde!

**TIODORZIM** - Isso, não! Sou tudo, mas contumaz não sou nem vou ser. Contumaz é o senhor e a senhora sua mãe!

**JAÍTO** - Foi aquela zuada do povo. Juiz gritou:

**QUIM** - Silêncio! Cala a boca!

**TIODORZIM** - Então, manda ele calar também!

**JAÍTO** - Julgamento é assim, seu ignorante! Pode continuar, senhor promotor!

**TIODORZIM** - Ah, é? Então ele pode dizer nome e eu não?

**JAÍTO** - Só o seu advogado pode falar, disse o juiz.

**TIODORZIM** - Quem tá sendo xingado é eu! Que moda estúrdia é essa do "devogado" xingar nome no meu lugar? E os dois "deve" de tá de arranjo "mode" de que até agora o "devogado" não xingou o promotor.

**JAÍTO** - Sente-se e cale-se!, trovejou o juiz. O senhor tá arriscado a pegar mais de cem anos de prisão!

**TIODORZIM** - “Depois” eu é que sou “guinorante”! Já tenho mais de vinte anos de vida. Num vou viver mais cem, sua besta!

**QUIM** - Foi um custo a coisa seguir. Falou um, falou outro, testemunha, depoimento, caiu a tarde, entrou a noite. No fim prenderam os “cabôco” jurados, - uns matuto, tabaréu, “guinorante” mesmo, sem conhecimento, piorzinhos até que eu – prenderam numa salinha para o “tar” do veredito.

**JAÍTO** - Passou hora, hora e meia, duas, três e nada. Noite alta saiu da sala um “cabôco” jurado, o Silico, que tem sítio pegado ao meu. E o juiz disse: chegaram ao veredito?

**JURADO** - Sei disso, não. A gente tá lá reunido esperando “argum” cristão “chega” e “dizê” o que é pra “faze”. Tem uma “papelama” pra “escrevinha” e a gente não sabe onde é o pé e a cabeça disso tudo. Vim “fala” que num “tamo” gostando dessa moda de julgamento, não!

**JAÍTO** - Juiz “brabejou”: pois, gostando ou não gostando, vocês voltem lá e se não trouxeram o veredito mando prender vocês também! E xingou: Data venia!

**QUIM** - E assim foi noite a dentro: jurado nenhum saia da sala. Na beira da madrugada, com todo mundo estremunhado de sono, o juiz mandou abrir a porta da sala. E cadê os jurado? “Sartaro” a janela e “garraro” o mato.

**TIODORZIM** - Eu, “proveitei” que o meirinho e os guardas “tavam” pestanando e m’iscafedi, ganhei mundo e toreí estrada.

**JAÍTO** - O juiz “vortou” pra capital e assim mesmo condenou o Tiodorzim assim, de revelia, que é quando o réu num tá presente. (MÚSICOS TOCAM NOVAMENTE A MODA DE VIOLA)

**QUIM** - Quem diria, heim, Jaíto? Que um caboclinho como o Tiodorzinho fosse perseguido nessas “largueza” toda, pra mais de cem léguas.

**JAÍTO** - É, quem diria que um sujeitinho à toa que a gente viu nascer e crescer fosse dar em facínora, criminoso de quatro “costado”! Tão dizendo que virou quadrilheiro, que tá fazendo viúva em todo esse sertão.

**QUIM** - Pois, é. A gente ali, junto dele, correndo todo esse risco. Viver é um perigo! A gente nunca sabe.

**TIODORZIM** - E desde então tô nessa vida de ficar nos esconso dos matos sem poder “poisá” o pé em cidade e povoado. Quanto mais quieto fico no meu canto mais minha fama de facínora cresce. “Das veiz” dá vontade mesmo de ser chibante, bandido afrontador, sangrador mesmo! Mas qual, cadê coragem? Como e a mo’de que minha vida “turtuviou”? Só queria entender. Adianta jurar que não tenho crime? Nem cachorro louco acredita.

### TERCEIRA HISTÓRIA – ÀS MARGENS DO PARAÍBA (sumidagawa)

MULHER DESMEMORIADA, SENTADA, QUASE O TEMPO TODO PERMANECE ENSIMESMADA, APESAR DO ESFORÇO DE THEÓRFO.

**THEÓRFO** - Na vida, longe ou perto, corre o mesmo perigo o pasmado e o esperto. Eh, Tiodorzim! Lembrou? (MULHER MENEIA A CABEÇA)

**MULHER** - Tiodor... Não é esse... Era um menino...

**THEÓRFO** - Esse também foi um menino, dona! Se esse não serve eu não conheço outro. Já tá escurecendo, tenho medo de assalto, preciso ir . (DÁ UNS PASSOS) Quis ir, mas parei e pensei que nesse mundo tem muito acontecimento estranho. E lembrei do caso doromeiro que ia pra Aparecida pedir graça, encontrou no caminho uma pobre necessitada, tratou mal e depois veio saber que a pobre era Nossa Senhora em pesso... (OLHA PRA MULHER) Será? Se for economizo caminhada até Aparecida. Dona, a senhora é... Assim, por acaso... Nossa Senhora? Por acaso, não, desculpa o sacrilégio, por vontade de Deus! (MULHER NÃO REAGE) E se não for?

**MESTRE** - Dizem que a noite é dos bêbados, das almas e dos bandidos.

**THEÓRFO** - (ASSUSTADO) Ai, não fala assim! Tirando bêbado me pelo de medo de qualquer um! (A UM SINAL ATORES COMEÇAM A FAZER SONS E RUÍDOS E SE MOVIMENTAM EM TORNO DA CENA ENCHENDO THEÓRFO DE MEDO.) Não dá! Ó, dona, eu vou arriscar. Se a senhora for a Santa me perdoe, mas aqui não fico um segundo mais! (MULHER SUBITAMENTE GEME E COMEÇA A CHORAR) Que foi, dona? Não, chorar não! Não posso ver mulher chorar porque me lembro da minha mãezinha... (THEÓRFO TAMBÉM COMEÇA A CHORAR. NO ENTANTO, ENQUANTO O CHORO DA MULHER É DRAMÁTICO E DOLORIDO, O CHORO DE THEÓRFO EMBORA VERDADEIRO, POR CAUSA DE SUA EXPRESSÕES E ALGUM EXAGERO TEM RESULTADO CÔMICO. A IDÉIA É QUE TANTO O DRAMÁTICO COMO O CÔMICO CONVIVAM NO MESMO MOMENTO) Eu fico mas para de chorar. Ó, vamos rezar pra Maria Peregrina que com certeza ela vai ajudar. (MULHER CESSA O CHORO) Mas vamos rezar logo que não estou gostando desse lugar.

**MULHER** - Aquele era um bom tempo.

**THEÓRFO** - Que tempo, dona?

**MULHER** - Dessa história que você contou.

**THEÓRFO** - Aquilo? Aquilo era tempo era tempo de antigamente, de gente sonsa. Tempo sem progresso, sem recurso. Cidade agora é desenvolvida, não é mais aquele desterro de antigamente.

**MULHER** - Tempo mais simples, tempo em que se conhecia os vizinhos.

**THEÓRFO** - “Das veiz” não é muita vantagem.

**MULHER** - (SUBITAMENTE LEMBRANDO) Um homem magro, de chapéu e paletó. Ele tosse muito. Muitos homens, todos magros, quase vultos...

**MESTRE** - Eles descem na estação de trem. Vêm de muitos lugares e sobem com dificuldade a ladeira em direção à parte alta da cidade. Arfam com o esforço e tosse, tosse muito. Muitos charreteiros não aceitam transportar os doentes. Têm medo. Muitos doentes sabem que não verão outras paisagens além daquela da cidade a que chegam: São José dos Campos.

**THEÓRFO** - São os tuberculosos, dona! A senhora é daqui mesmo. Aqui tinham muitos sanatórios. Lembra a rua que eu te levo lá.

**MULHER** - A cruz à beira do rio!

**THEÓRFO** - Não fala em cruz de alma nessa hora da noite, dona! É aqui mesmo. O rio é o Paraíba, só pode ser.

**MULHER** - A cruz marcava a sepultura do menino, do Tiodor.

**THEÓRFO** - Quem era esse menino?

**MULHER** - Não sei.

**THEÓRFO** - Aquela mulher não sabia muito mais.

**MESTRE** - Aquela mulher, como qualquer um de nós, sabia muito pouco sobre si mesmo.

**MULHER** - (LEVANTA-SE) Aquela mulher, com esforço, buscou imagens de um passado que não sabia se era seu: um barqueiro às margens do rio, um viajante, uma louca andarilha.

(ENQUANTO MULHER FALA OS OUTROS ATORES AJUDAM A COMPOR A CENA. A MULHER COMPÕE A LOUCA, MESTRE COMPÕE O BARQUEIRO, THEÓRFO O VIAJANTE. BARCO, RIO SÃO COMPOSTOS A PARTIR DE POUCOS ELEMENTOS. MESTRE GESTICULA E A MÚSICA COMEÇA. MESTRE ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CONDUZ UM BARCO E CANTA.)

**BARQUEIRO** Sou barqueiro do rio Paraíba  
De quando havia barcos,  
De quando havia peixes  
De quando havia rio  
Que tal nome merecia.  
Quando o rio era via  
Viajantes este barco  
Transportou.  
Agora é só um marco  
De um tempo que passou.  
Sou Barqueirôôô!

ENTRA VIAJANTE NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO.

**VIAJANTE** - (GRITA) Ei! Ei! Ei! Barqueirôôô!

**BARQUEIRO** - (CANTA) Sou Barqueirôôô!

**VIAJANTE** - Não me ouve. Invejo essa alegria que é maior do que meu grito. Queria eu ter essa alegria. Há dias, meu amigo, venho de longe, andando vastas distâncias, sou homem preso aos caminhos. Peregrino como tanta gente que ainda espera

Depois de perder toda esperança.

Porque isso é o homem:

Continuar buscando mesmo quando a busca perdeu o sentido.

Ei! Ei! Ei! Barqueirôôô!

**BARQUEIRO** - (OUVINDO) Eeeeeiiii! (VIRA O REMO QUE SIMBOLIZA O BARCO NA DIREÇÃO DO VIAJANTE)

Ah! Um homem inteiro! E tem o aspecto sereno!

Coisa rara por aqui onde só se vê gente em pedaços: gente cuja doença deformou, mutilou o corpo, ou arrancou parte da alma. Gostaria de ser livre como aquele homem ao invés de estar preso a esse barco. E ter de ver a dor humana desfilar diariamente em direção à Esperança de Aparecida.

É triste minha profissão e é por isso que eu canto.

Sou barqueirôôô! (ATRACA O BARCO)

Bom dia, senhor!

**VIAJANTE** - Bom dia! Dá pra me atravessar?

**BARQUEIRO** - Só se for de barco. (RI) Onde está indo?

**VIAJANTE** - A Aparecida. Está bonito o seu barco enfeitado com tantas flores.

**BARQUEIRO** - Os barcos todos estão enfeitados. Do outro lado do rio vai ter novena em celebração... (DEPOIS DE COMPOSTA PELOS ATORES A LOUCA ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CHAMA O BARQUEIRO COM GESTOS QUE COMPÕEM UMA COREOGRAFIA ESTRANHA E LÚDICA INTERROMPENDO A FALA DELE.

**MÃE** - Ei, oi! Ei, oi! Barqueirôôô! Quero embarcar mas não tenho dinheirôôô! Quero casar mas não tenho parceirôôô!

**BARQUEIRO** - Quem é aquela?

**VIAJANTE** - Uma louca mansa. Cruzei com ela no caminho. É muito divertida, leva a vida sem preocupações.

**BARQUEIRO** - Vamos esperar.

**MÃE** - Amor de mãe só morre quando ela própria morre. Agora entendo essa frase que um dia ouvi numa tarde de chuva fina ainda em terras de Minas. Por onde estará perdido o meu filho? Ele se lembra ainda de mim?

**MESTRE** - Por que me distraí? Por que deixei o menino sozinho? Por que meu coração não me avisou?, pergunta-se a mãe.

**MÃE** - Longe, depois da Serra da Mantiqueira, bem entrado nas terras de Minas eu vivia, viúva de Cirilo, um homem bom que morreu cedo. Eu me mantinha do trabalho na terra e da ajuda alheia. Cuidando da roça, descuidei do menino. Foi um minuto, não mais que dois, com certeza. Sumiu. Está brincando por aí, o coração me tranqüilizou com essa mentira. Tinha sete anos.

**MESTRE** - Enlouqueceu com a verdade: ladrões o levaram.

**MÃE** - Bati estradas, vim no rastro, enlouquecendo aos poucos em cada cidade cheia de estranhos e vazia de meu filho. “Desceu a Mantiqueira.” “Lá vai indo no rumo de São Paulo”, “Corre, que de lá pode ir para o estrangeiro”, disseram. Eu vim atrás, há dois anos procuro. Dói. Dói de querer morrer, mas não morro! Vou achar meu menino e mais do que nunca vou viver. Estou aqui. (CORRE EM DIREÇÃO AO BARCO)

**BARQUEIRO** - Onde pensa que vai?

**MÃE** - Vou onde você pensa que vai me impedir. (RI E AGILMENTE SOBE E SENTA-SE NO BARCO) Vai dar menos trabalho você me levar do que me tirar daqui. (BARQUEIRO RI)

**BARQUEIRO** - Ela é louca mas não é burra!

**MÃE** - Se fosse burra já tava morta, uai! E não devo de morrer antes de achar quem eu procuro.

**VIAJANTE** - Um marido?

**MÃE** - (COM UM GESTO DE DESPREZO) Marido eu acho de cacho! Tudo vistoso, tudo maduro, tudo prontinho pra casar!

**VIAJANTE** - E você não pega um?

**MÃE** - Apodrece logo, meu filho! Ô, fruta que não dura é marido! (VIAJANTE E BARQUEIRO RIEM. SUBITAMENTE A MÃE LEVANTA-SE E APONTA AO LONGE) Que aves são aquelas?

**BARQUEIRO** - São garças. Não tem lá em cima da serra?

**VIAJANTE** - O barqueiro aqui tá querendo casar, dona! Dona? (MÃE NÃO RESPONDE. ESTÁ FIXA AINDA NAS AVES)

**BARQUEIRO** - Deixe. Tá perdida nos pensamentos. Daqui a pouco lhe volta a alegria. Louco é assim.

**VIAJANTE** - Penso, às vezes, que levam uma vida despreocupada. (BARQUEIRO REMA E CANTA BAIXINHO ENQUANTO MÃE FALA ÀS AVES)

**MÃE** - Garças, foram dois, três, que levaram meu filho!  
 Voem, vasculhem a terra aí de cima.  
 E procurem onde em não procurei.  
 Procurem nas estradas, caminhos, embarcações, cidades.  
 Tem nove anos agora,  
 É pequeno, magro, mas alegre e esperto.  
 Olhos pretos, cabelo ruim, mas é lindo!  
 Ele se chama Tiodor como meu pai se chamou um dia.  
 Voem, vasculhem antes que chegue a São Paulo  
 Onde tudo se perde.  
 Descubram meu filho antes que o levem para o estrangeiro  
 E eu não mais o alcance  
 Ou ele se esqueça de mim.  
 Garças brancas voem! Chô! Chô!

ATORES MIMAM SEGUIR O VÔO DAS “GARÇAS” QUE ASSUSTADAS DESCREVEM CÍRCULOS, PASSAM POR SUAS CABEÇAS E VOAM PARA LONGE.

**VIAJANTE** - São lindas! É pura poesia o vôo branco delas contra o céu azul!

**MÃE** - (LIMPANDO A TESTA) Quando não cagam na cabeça da gente! (OS DOIS HOMENS RIEM. BARQUEIRO REMA E COMEÇA CANTAR. VIAJANTE O INTERROMPE)

**VIAJANTE** - Outro barco enfeitado. O senhor não me disse a razão de tantas flores. É festa?

**BARQUEIRO** - É uma novena pela alma de um menino. Um fato triste que comoveu toda região. Aconteceu num dia frio de julho. Hoje faz dois anos. Dois, talvez três homens, traziam consigo uma criança roubada. Vinham de longe, lá dos altos da Mantiqueira. A viagem e o frio maltrataram muito o pulmãozinho do inocente e ele tossia muito. Vai daí que aqueles homens aprenderam uma forma nova de maldade e largaram o menino na estrada. A gente boa desse lugar recolheu o menino, deu-lhe cuidados e perguntaram a origem. “Vim dos altos da Mantiqueira, sou filho de Cirilo e vivia com minha mãe. Não queria vir, mas três homens me trouxeram. Onde está minha mãe? Minha mãe vem me buscar.”, disse e muito mais não falou porque não durou muito, o pobrezinho. No lugar que morreu, às margens do Paraíba, ergueram um cruzeiro com o nome Tiodor para que a mãe se viesse, pudesse reconhecer.

**VIAJANTE** - Triste.

**BARQUEIRO** - É a história que contam. Mas esse povo inventa muito. (SEM QUE OS DOIS PERCEBAM A MÃE DEPOIS DE TER OUVIDO TODA A HISTÓRIA SEM NENHUMA REAÇÃO COMEÇA A CHORAR COM UMA DOR MUDA) Chegamos. Podem desembarcar. (BARQUEIRO PULA NA MARGEM E SEGURA O BARCO. VIAJANTE DESCE).

**VIAJANTE** - Vou participar da novena.

**BARQUEIRO** - Ei, doida! Chegamos. Vamos descer. Minha história a fez chorar.

**VIAJANTE** - Dizem que os doidos tem hora que são muito sensíveis. (MÃE DESCE E COM O ROSTO SEMI-ENCOBERTO INQUERE O BARQUEIRO)

**MÃE** - Barqueiro, quando aconteceu essa história?

**BARQUEIRO** - Faz dois anos. Morreu nesse mesmo dia de hoje.

**MÃE** - Que idade tinha o menino?

**BARQUEIRO** - Dizem que uns nove pra dez anos.

**MÃE** - O nome?

**BARQUEIRO** - Já disse.

**MÃE** - Diz de novo.

**BARQUEIRO** - Tiodor.

**MÃE** - O pai?

**BARQUEIRO** - Cirilo.

**MÃE** - Como era o menino?

**BARQUEIRO** - Miúdo, de olhos bem pretos. O cabelo era ruim

**MÃE** - Mas ele era lindo! Acabou a procura.

**BARQUEIRO** - Você é a mãe?

**MÃE** - Não posso deixar de ser mãe mesmo sem meu filho. Amor de mãe só morre quando ela própria morre. (PEDE NUM FIO DE VOZ) Barqueiro, me leva pro rio. (BARQUEIRO A ABRAÇA. VIAJANTE CHORA.)

**BARQUEIRO** - Vem. Ó, gente boa, me ajudem que sozinho não consigo carregar tanta dor! (A UM GESTO DO MESTRE OS OUTROS ATORES AJUDAM A AMPARAR A MÃE. FORMAM UM BOLO DE ABRAÇOS E MOVIMENTAM-SE LENTAMENTE ENQUANTO O MESTRE FALA.)

**MESTRE** - Rezaram novena pelo descanso do menino e pelo consolo da mãe. Por aquela que enlouqueceu de dor com o desaparecimento do filho e recuperou a lucidez com uma dor maior ainda.

**BARQUEIRO** - Não rezou, nem cantou na novena. Caiu ao chão por três vezes e chorou uma só vez, do começo ao fim da oração.

**VIAJANTE** - Por dois anos aquela doida buscou o filho para só encontrá-lo depois que ele já tinha partido.

**MÃE** - Buscar era o sentido da vida, o que fazer quando a busca perdeu o sentido?

**ATORES** - Buscar! É preciso buscar.

**MÃE** - Esperei contra toda esperança. Agora quero descanso. Pára, meu coração! Descansa no fundo do rio e eu toda seja só lembrança.

**ATORES** - Buscar! É preciso buscar.

**MÃE** - Voltar à loucura? Uma loucura maior de buscar sem nenhum sentido?

OS ATORES NÃO SABEM O QUE RESPONDER. ALGUNS VIRAM O ROSTO, OUTROS NÃO CONTÉM A EMOÇÃO. DO MEIO DELES VEM UMA VOZ).

**VOZ** - Buscar um sentido!

**MÃE** - Quem falou? É a voz do meu filho!

**VOZ** - Buscar sempre um novo sentido!

UM ATOR MANIPULA UM ESTANDARTE TODO BRANCO PRESO A UMA VARA QUE COBRE POR INSTANTES O GRUPO DE ATORES. O ESTANDARTE SE DESLOCA COM UM ATOR ATRÁS DELE. A MÃE SEGUE O MOVIMENTO DO ESTANDARTE.

**MÃE** - É meu filho! É meu menino que encontrei?

**VOZ** - (ATRÁS DO ESTANDARTE) É minha mãe? Veio me buscar?

MÃE VAI EM DIREÇÃO AO ESTANDARTE MAS O ATOR QUE O MANIPULA O MOVIMENTA PELO AR, SEGUIDO PELO OLHAR DA MÃE. LOGO O ESTANDARTE É RECOLHIDO. A MÃE PARA CONFUSA. O ATOR MANIPULA DE NOVO O ESTANDARTE NO OUTRO EXTREMO DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO.

**ATOR/VOZ** - Buscar um sentido!

(MÃE FAZ MENÇÃO DE IR EM DIREÇÃO AO ESTANDARTE MAS ELE É RECOLHIDO. MÃE AJOELHA E SENTA-SE SOBRE OS CALCANHARES PERMANECENDO QUIETA)

**ATOR/VOZ** - Dizem que ela enlouqueceu de novo, de loucura definitiva.

**MESTRE** - Dizem que via o filho na luz tênue da lua, no vento invisível que traz e que leva a chuva.

**ATOR/VOZ** - Via o filho nas pedras, nas plantas, em tudo que é vivo e não é. No homem, no mundo.

**MESTRE** - Dizem que amou o mundo. Dizem que sua loucura encontrou esse sentido. Mas esse povo inventa muito.

A UM GESTO DO MESTRE INICIA-SE MÚSICA. A MÃE, AJUDADA PELOS ATORES RETOMA A PERSONAGEM DA MULHER DESMEMORIADA. LOGO ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO THEÓRFO.

**THEÓRFO** - Dona, a senhora é a Mãe? Ou não é? É alguma mulher dessas histórias? Ou não é? A senhora lembra? (MULHER OLHA EM VOLTA COMO SE ACORDASSE DE UM SONHO)

**MULHER** - Muito diferente daqueles tempos.

**THEÓRFO** - Que tempos, dona!

**MULHER** - O lugar é esse mas a árvore não é mais a mesma.

**THEÓRFO** - Que árvore, dona? A senhora tá me assustando!

**MULHER** - Quantas coisas meus olhos viram daqui, de debaixo dessa árvore. Quanto vento frio engrossou minha pele! Quantos anos até aquela tarde de verão. O sol se pôs que era uma lindeza e tive um estremecimento e a certeza que era meu último sol. A noite chegou e meu velho coração badalou como sino. Pela última vez.

**MESTRE** - Certifico que as folhas 139, do livro número C-13, de registro de óbitos, foi lavrado hoje o assento de Maria "Do Saco", falecida a nove de fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, às vinte e trinta horas, na Estrada do Jaguari, neste Subdistrito. Morte por causa indeterminada, sem assistência médica, sem sinal de violência.

**MULHER** - Cor parda, estado civil ignorado, natural de lugar ignorado, com aproximadamente oitenta anos, filha de pais ignorados.

**THEÓRFO** - Estado de São Paulo, Comarca de São José dos Campos, Município de São José dos Campos, Distrito de São José dos Campos. (OLHA LENTAMENTE PARA A MULHER, ASSUSTADÍSSIMO, RECUPERANDO O PERSONAGEM.) Dona, a senhora é...?

ATORES, UM A UM ENTRAM NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. PEDEM À MULHER QUE NÃO VÊEM.

**ATOR** - Maria Peregrina, me ajude a arranjar um emprego. Por favor, me ajude. Volto pra agradecer assim que conseguir.

**ATRIZ** - Maria Peregrina, faça minha filha afastar do noivo dela. Ajuda para que ela enjoa dele.

**ATOR** - Dona Maria Peregrina, faz a mãe da minha noiva parar de se meter na nossa vida.

**ATRIZ** - Maria Peregrina, faz minhas regras descer. Eu ia pedir pra Nossa Senhora em Aparecida, mas andei pecando muito e é capaz de ela não me atender. Peço prá senhora pedir prá ela pra ela pedir pra Deus.

**ATOR** - Desulpe por estar trazendo problema e obrigado por me atolerar. Minha doença é muito grave, o médico disse.

**MULHER** - As pessoas mudaram, as casas mudaram. Não mudou a fé, nem a esperança além de qualquer esperança. Deus abençoe todos vocês.

**MESTRE** - Nunca se soube a história de Maria Peregrina. Pode ser qualquer uma que lhe dê sentido. Porque isso é o homem: continuar buscando mesmo quando a busca perdeu o sentido. Obrigado por esse encontro. Boa noite.

A UM GESTO DO MESTRE A MÚSICA DE FOLIA DE REIS INICIA. ANTES QUE OS ATORES CANTEM, THEÓRFO AINDA PARALISADO PELO SUSTO ROMPE A IMOBILIDADE.

**THEÓRFO** - Eu... o tempo inteiro falando como a alma de Maria Peregrina! Já que assim foi, que seja assim: Dona eu preciso fazer um pedido...

ATORES CANTAM E DANÇAM ENVOLVENDO MARIA PEREGRINA IMPEDINDO QUE THEÓRFO FAÇA O PEDIDO.

**FIM**